SUSTENTABILIDADE PARA QUEM? O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E SUAS PARTICULARIDADES, CASO NOVA IORQUE[1]

Sustainability For Who? Sustainable development and its peculiarities, if New York

MELLO, Caroline Ferreira Leite
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

SILVA, Janini de Oliveira Dias
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Resumo: Este trabalho tem como objetivo levantar discussões acerca do tema "desenvolvimento sustentável" a partir da visão de diversos autores, além de apresentar um exemplo de planejamento sustentável da cidade de Nova Iorque e seus resultados. E ao expor estes dados, criar uma discussão envolvendo as definições sobre sustentabilidade e até onde ela é algo positivo para solução dos problemas causados pelo aquecimento global.

Palavras-Chave: Desenvolvimento urbano sustentável, planejamento urbano, Nova Iorque

Abstract: This paper aims to raise discussions about the theme "sustainable development" from the perspective of several authors, in addition to presenting an example of sustainable planning in New York City and its results. And when exposing these data, create a discussion involving the definitions of sustainability and the extent to which it is something positive for solving the problems caused by global warming**.**

Key-words: Sustainable urban development, urban planning, New York

INTRODUÇÃO

O termo "Desenvolvimento Sustentável" vem se tornando uma crescente pauta em debates mundiais desde a Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas, em 1992, onde foram discutidos diversos problemas causados pela emissão excessiva de gases poluentes, bem como novas formas de atender as necessidades do presente sem afetar tão profundamente o meio ambiente e as reservas naturais das gerações futuras.

[1] Artigo produzido para a disciplina "Teorias e conceitos do planejamento territorial e urbano" da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo - FEC/UNICAMP

Na Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CMMAD), também conhecida como Comissão de Brundtland, foi desenvolvido um relatório que destaca questões sociais como o saneamento básico, habitação, serviços sociais e educação, além do planejamento do crescimento urbano e do uso e ocupação do solo. Outra importante pauta registrada neste relatório foi a de "equidade" como forma de participação de todas as sociedades nas tomadas de decisões democráticas para o desenvolvimento urbano mundial, além da descentralização de recursos naturais, financeiros e humanos. Apesar de ser um conceito ainda não definido, o relatório de Brundtland mostrou a importância de se criar novas formas de desenvolvimento econômico, sem o esgotamento dos recursos naturais e sem danos ao meio ambiente, visando o desenvolvimento econômico, social e a proteção ambiental.

Acselrad (1999), afirma que se a sustentabilidade é vista como algo bom, desejável e consensual, a definição que prevalecer vai construir autoridade para que se discriminem, em seu nome, as boas práticas das ruins. Deste modo, é de grande importância à busca de alternativas sustentáveis que ofereçam qualidade de vida no contexto urbano, consolidando uma referência para o processo de planejamento das cidades.

Para Acselrad (1999), a sustentabilidade urbana é definida como a capacidade das políticas urbanas se adaptarem às necessidades sociais e de serviços, buscando o equilíbrio entre as demandas de serviços urbanos e investimentos em estrutura. No entanto, também é imprescindível para a sustentabilidade urbana o uso racional dos recursos naturais e a interação com o clima, além de responder às necessidades urbanas com o mínimo de interferência de dejetos e rejeitos para outros ecossistemas.

Segundo Barbosa (2008), a grande maioria dos países estão explorando a capacidade de seus recursos naturais ao limite. Dependendo do nível de industrialização de cada país os problemas se diferenciam. Nos países desenvolvidos a descentralização dos centros urbanos causou o aumento do uso de automóveis, a falta de mobilidade urbana e à poluição do ar. Já nos países em desenvolvimento os problemas ambientais e sociais são agravados pelo crescimento das cidades sem planejamento e sem as mínimas infraestruturas para tal.

No mundo todo, a pobreza é um dos maiores problemas enfrentados pelas sociedades, e normalmente a classe mais pobre da população é a que mais sofre com a falta dos direitos básicos, como o direito à água potável, à habitação, à alimentação, à saúde, à educação, e de políticas públicas. Desta forma, observa-se a necessidade de um desenvolvimento urbano sustentável, diferente do sistema capitalista atual, que é baseado no lucro e privilegia uma pequena parte da sociedade.

Há o risco de que o discurso da sustentabilidade não produza alterações substantivas, podendo o mesmo, "ser reduzido por certas coletividades locais a um simples marketing destinado a valorizar suas vantagens territoriais, a aumentar sua atratividade e seu poder" (EMELIANOFF, 2003). É necessário que se busque modelos de desenvolvimento onde possam ser agregados aos valores ecológicos, outros como autonomia, solidariedade e responsabilidade.

Este trabalho irá discutir acerca o PlanNYC 2030: Plano de Desenvolvimento Sustentável da cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos. Desenvolvido no ano de 2007, esse plano foi criado para tentar se preparar para o crescimento populacional previsto, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida na cidade.

PlanNYC 2030

Para se preparar para o crescimento populacional que tem a previsão de aumentar um milhão de habitantes na cidade até 2030, a Prefeitura de Nova Iorque resolveu agir e criou o PlaNYC 2030: um projeto, que busca principalmente melhorar a qualidade de vida dos moradores por meio de ações que tornem Nova Iorque uma cidade mais agradável para se viver. Este plano possui dez metas que devem ser atingidas até 2030, e todas contam com a participação da população da cidade.

No desenvolvimento do plano, foram identificados os três principais desafios que a cidade apresenta: o crescimento populacional e territorial, a existência de uma infraestrutura bastante envelhecida e a crescente precariedade das condições do meio ambiente. As metas que foram desenvolvidas neste plano foram:

- Mais habitações para os novos cidadãos

- Bairros mais acessíveis e sustentáveis
- Parques e espaços públicos com mais áreas verdes
- Limpeza de áreas urbanas contaminadas
- Limpeza e restauração dos canais e dos rios
- Garantir a qualidade e o abastecimento de água
- Reduzir o consumo de energia e tornar os sistemas mais limpos
- Alcançar uma melhor qualidade do ar
- Reduzir em 75% os resíduos sólidos em aterros
- Reduzir as emissões de gases poluentes e causadores de efeito estufa
- Expandir as ações de transporte sustentável e reduzir os congestionamentos

É esperado que estas ações auxiliem na criação de uma cidade mais agradável e que ofereça mais qualidade de vida aos seus moradores.

RESULTADOS

Em 2011, foi publicado um relatório de acompanhamento das metas do plano, contendo os seguintes resultados obtidos:

- Construção e revitalização de habitações;
- Foram criadas áreas verdes onde um quarto da população consegue acessar ao caminhar no máximo por 10 minutos;

Figura 1: Criação de novas áreas verdes



Fonte: PlaNYC: A Greener, Greater New York, 2011

- Plantação de 430 mil árvores, sendo a meta para 1 milhão de espécimes;
- Foram feitos estudos e levantamentos das áreas contaminadas que receberão revitalização e de áreas de preservação que serão recuperadas;
- Foram criados novas formas de transportes coletivos sustentáveis, com combustíveis renováveis e com controle da qualidade do ar;
- Foi construído mais de mil quilômetros de ciclovias na cidade;
- Criação e aprovação de leis que obrigam os edifícios já existentes a se adequarem em padrões de eficiência energética;
- Implantação do Blue Roof, que é um sistema de captação e armazenamento de águas pluviais, que ajuda a reduzir os alagamentos e incentiva a reutilização de água;

Figura 2: Blue Roof: Edifícios mais eficientes



Fonte: PlaNYC: A Greener, Greater New York, 2011

- Implementação de coleta de lixo reciclável e criação de usinas de reciclagem, onde 30% dos resíduos sólidos produzidos pela cidade estão sendo reciclados;
- E a redução de 13% da emissão de gases poluentes em relação ao ano de 2005.

Todos estes resultados foram publicados no relatório “A Greener, Greater New York” publicados em 2011, para mostrar os resultados prévios e o progresso das metas propostas no PlaNYC 2030, inicialmente implantado em 2007.

A Greener, greater New York City?

O crescimento populacional associado ao modo de consumo e produção de bens, indica que a sociedade vive uma crise ambiental e as cidades têm sido consideradas os principais focos dessa crise (SCHUSSEL, 2004). Nesse sentido, algumas cidades e até mesmo países vêm desenvolvendo planos de desenvolvimento com a preocupação ambiental em pauta. Nova Iorque foi uma dessas cidades que implantou um plano de metas para um desenvolvimento mais sustentável visando a qualidade de vida da população.

A partir do plano de metas de 2030 é possível fazer uma análise utilizando o embasamento teórico apresentado anteriormente. No caso do discurso da sustentabilidade, devemos analisar qual a intenção dessas ações em nível global. A que fins? É necessário também o questionamento do que se produz, para que e para quem?

A Gentrificação verde e o High Line

Várias são as iniciativas de recuperação dos espaços públicos que estão abandonados e subutilizados. E essas iniciativas são sempre positivas, porém precisam ser analisadas de uma forma mais ampla, entendendo o impacto que ela vai trazer para a região.

O *High Line* é um parque que fica localizado na Zona Oeste de Manhattan, no Meatpacking District. Ele foi construído no antigo trilho do trem que estava abandonado na região, se tratava de uma área que dava acesso direto a região portuária, mas acabou por se tornar subutilizada. Segundo o plano de metas o *High line* faz parte de um projeto de sustentabilidade urbana em larga escala, em que a ideia é a revitalização de espaços públicos subutilizados, como uma forma de renovação urbana. Muito se fala sobre o Highline como um caso de sucesso, mas é esquecido o fato de maior impacto que ele trouxe para a região: a gentrificação.

Os bairros ao redor que antes predominava uma classe média, com prédios de serviços, autopeças e açougues, passou a ser mais visado e resultando numa valorização imobiliária de 103% entre 2003 e 2011, ou seja a sua implantação provocou um processo de gentrificação de grandes proporções, mas como o discurso apresentado é de que houve uma “gentrificação verde” por ter sido através da implantação de um parque, é mascarado que muitas pessoas tiveram que mudar de lugar por não ter condições de manter os custos de vida com a supervalorização (GOULD, LEWIS, 2016).

Então se como parte de um planos de metas sustentáveis, a execução do Highline poderia ter sido melhor trabalhada para atender a população local, ou seja, a vizinhança que ali habitava, e não a nova vizinhança que ele atrai. Essas iniciativas de políticas verdes precisam ser associadas a políticas de habitação

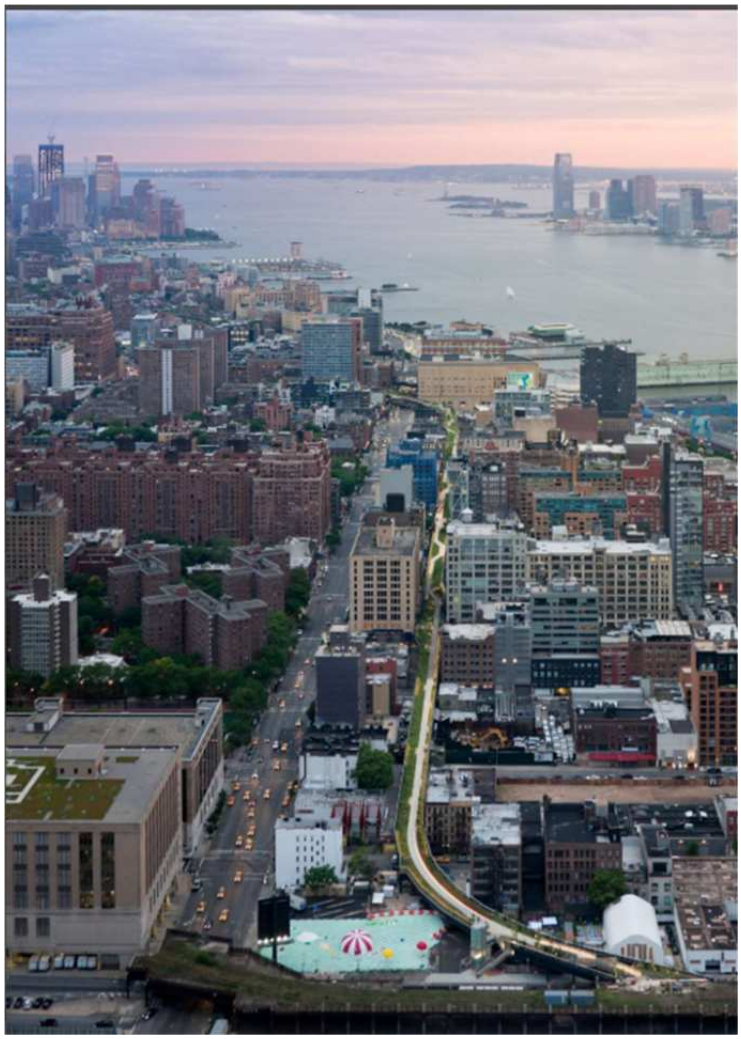
justas. O High Line seria, portanto, um exemplo de gentrificação verde – o crescente fenômeno do aumento dos valores imobiliários na sequência de um projeto de sustentabilidade urbana em larga escala.

Figura 3 - High Line no período de utilização como linha ferroviária



Fonte: The High Line, 1934

Figura 4 - Vista aérea do High Line



Fonte: BAAN, 2011

Sustentabilidade para quem? E até onde ela vai?

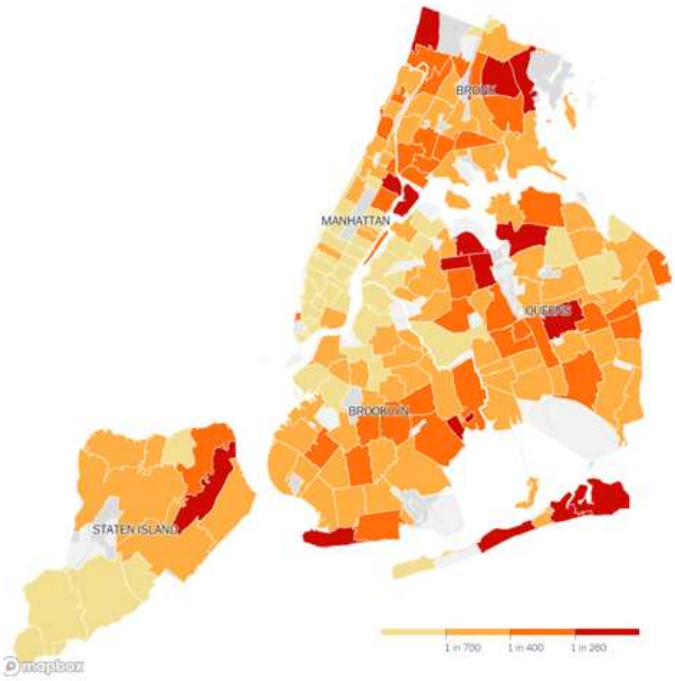
A segregação urbana também evidencia o cuidado que precisa ter com a aplicação do desenvolvimento urbano sustentável. Os bairros mais ricos possuem mais infraestrutura urbana o que promove uma maior facilidade em aplicar as diretrizes e recomendações para um desenvolvimento urbano sustentável, enquanto que os bairros mais pobres, na sua grande parte constituídos por minorias mais vulneráveis, são excluídos.

Nesse período de pandemia que vivemos, pode ser visto com maior compreensão as diferenças da presença de uma infraestrutura urbana de qualidade. A densidade foi apontada como um fator que ajuda na transmissão do vírus, pela facilidade do contágio. No entanto não é a densidade por si só que faz com que as cidades sejam suscetíveis a disseminação do vírus, mas sim o

tipo de densidade e o modo que impacta na rotina de trabalho e moradia. É dessa forma porque os bairros podem ser densos, mas ainda assim propor espaços para as pessoas conseguirem se isolar e ficaram em distanciamento. No entanto existe uma diferença enorme entre a densidade em locais ricos, onde as pessoas podem se abrigar em habitações confortáveis, trabalhar remotamente e ter acesso a serviços de entrega de alimentos e outras necessidades essenciais, e locais pobres em que a população é obrigada a ir para as ruas fazer as compras em serviços considerados essenciais, habitações sem qualidade e os caminhos estão sempre lotados.

Segundo os estudos, o vírus está mais grave na região periférica da cidade, longe do grande centro super denso que é a Ilha de Manhattan, é importante ter esse olhar para o impacto desigual que o vírus atinge esses bairros mais pobres e das minorias, pois a falta de infraestrutura é um dos maiores fatores para essa disseminação. No mapa abaixo é possível ver como a pandemia atingiu a cidade de Nova Iorque, principalmente nas áreas periféricas.

Figura 5 - Mapa com a distribuição de mortes confirmadas de covid-19 em Nova Iorque



Fonte: Departamento de saúde e higiene da cidade de Nova Iorque, 2020

Atualmente a região mais rica de Nova Iorque é o Upper East Side localizado em Manhattan, ao lado do Central Park, foi registrado 1 morte a cada 1.496 pessoas enquanto que no bairro mais pobre chamado Brownsville localizado no Brooklyn esse mesmo dado foi de 1 morte a cada 343 pessoas. Ao olharmos fisicamente podemos entender as diferentes infraestrutura presentes nos bairros:

Figura 6 - Upper east side e central park



Fonte: Alejo, 2019

Figura 7 - Brownsville



Fonte: Stapleton, 2019

Considerações finais

Nas décadas de 1960 e 1970 as temáticas socioambientais, incluindo o desenvolvimento sustentável, entram em evidência, ganhando centralidade em discussões acadêmicas. A partir disso diversas são as sugestões que parecem surgir do nada e com promessas de resolver de uma vez por todas os conflitos e contradições do termo “sustentabilidade”. O discurso do desenvolvimento sustentável é apresentado como uma forma de suprir as necessidades do presente sem comprometer as necessidades das gerações futuras. No entanto, por si só o termo desenvolvimento é sinônimo de crescimento, então como é possível crescer e não utilizar recursos que deveriam ser guardados para as próximas gerações?

Numa sociedade capitalista, o desenvolvimento sustentável entra em xeque nas grandes potências capitalistas que acreditam que a superação da crise do capital, através de seus movimentos cíclicos, passa pelo reaquecimento da economia, o que demanda mais exploração dos recursos da natureza. O capitalismo beneficia uma pequena parcela da população mundial, ao passo que a grande maioria da população do planeta vive nas lacunas do sofrimento. Numa sociedade capitalista a sustentabilidade socioambiental não se sustenta nem teoricamente.

O conceito de “desenvolvimento urbano sustentável” pode ser considerado um discurso amplamente incorporado ao campo do planejamento urbano nas últimas duas décadas. Aceslrad (1999) mostra que um dos principais motivos para a incorporação desse discurso no planejamento urbano é a competitividade por investimentos e planejamentos estratégicos, que perpassa grande parte das discussões sobre gestão urbana.

Uma cidade que tenha sua imagem associada a um meio ambiente “saudável” dá um passo à frente na competição com outras regiões também dependentes da entrada de capitais externos, o que determina a utilização da retórica ambientalista, em especial do discurso do “desenvolvimento sustentável” como estratégia para obtenção de legitimidade (BEZERRA, 2005).

É importante reafirmar que não se pode retirar do “desenvolvimento sustentável” seus inegáveis méritos na construção de um debate, nos níveis

global e local, sobre o meio ambiente em relação à produção do espaço urbano. Mas, mais importante ainda do que esses reconhecimentos, é preciso entender o conceito de "desenvolvimento sustentável" como uma tentativa de minimizar a degradação ambiental gerada pelos processos produtivos, sem nenhuma pretensão de reformulá-los.

O fato crucial da sustentabilidade é que não é um micro fenômeno. Pode não ser alguma coisa como casa sustentável, escritório ou eletrodomésticos, pelas mesmas razões que a democracia de uma única pessoa ou a economia de uma única simples companhia não é. Sustentabilidade é um contexto, não um produto ou tecnologia, é um processo que está em movimento, é algo a ser construído e não um conceito acabado.

Devemos abordar também a contradição existente entre o termo desenvolvimento e o termo sustentável. Segundo Acselrad e Leroy (1999, p. 15), a crise do desenvolvimento é a crise de um modelo de integração homogeneizadora das sociedades periféricas ao capitalismo central. Hoje se sabe que os padrões de desenvolvimento norte-americano e europeu chegaram aos seus limites. Todavia, o discurso do desenvolvimento sustentável pouco questiona as raízes e essências destes padrões. Apenas apregoa-se subliminarmente que a produção dos bens de consumo continue sendo a principal atividade das sociedades, porém agora utilizando-se de menos recursos ambientais e com maior justiça social. Como um desenvolvimento que é sinônimo de crescimento pode ser sustentável?

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Henri. Discursos da Sustentabilidade Urbana. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, 1, 1999.

BARBOSA, Gisele Silva. O Desafio de Desenvolvimento Sustentável. **Revista Visões**, 4, 2008.

NEW YORK CITY. DEPARTMENT OF CITY PLANNING.PlaNYC: **A Greener, Greater New York**. Abril 2011. Disponível em: http://www.nyc.gov/html/planyc/downloads/pdf/publications/planyc_2011_planyc_full_report.pdf

GOULD, K. A. e LEWIS, T. L. Green Gentrification: Urban sustainability and the struggle for environmental justice. **Routledge**: 2016.

SOBRE A AUTORA

MELLO, Caroline Ferreira Leite
Arquiteta e Urbanista, Mestre em Desenvolvimento Urbano pela UFPE e Doutoranda em Arquitetura, Tecnologia e Cidade na UNICAMP

SILVA, Janini de Oliveira Dias
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário de Jaguariúna UNIFAJ e Mestranda em Mobilidade Urbana Sustentável na Universidade Estadual de Campinas UNICAMP